



Esta obra possui uma Licença

[Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/13625>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v15i25.13625>



Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 16 | N. 27 | Dez., 2022, pp. 307-322.

## AI WEIWEI: RESISTÊNCIA DAS ARTE E O MATERIAL CULTURAL

## AI WEIWEI: RESISTANCE OF THE ARTS AND CULTURAL MATERIAL

Ai WEIWEI (CHINA) – 2021<sup>1</sup>

Augusto SARMENTO-PANTOJA (UFPA) - 2021<sup>2</sup>

### Sobre o ensaio:

O ensaio fotográfico que apresento a seguir foi realizado em 2021 na exposição “Rapture”, do ativista e artista plástico chinês Ai Weiwei, realizada na Cordoaria Nacional, em Lisboa. Vivendo em Portugal essa foi a primeira e maior exposição do artista com 85 peças produzidas em vários formatos, materiais e tamanhos, passando pelo cortiça, palha, papel, mármore, barro, pano, metal, cerâmica e azulejo. Sua versatilidade, faz com que tudo vire arte e ativismo, pois os direitos humanos é uma constante na sua obra, a qual busca revelar uma maneira particular de questionar o mundo. Seja diante das tragédias, da guerra, da perseguição política, da crise ambiental, da censura, da pandemia, da crise de refugiados ou sua própria luta pela liberdade, quando o governo chinês o manteve preso por 81 dias em 2011, por conta de suas intensas críticas principalmente ao desrespeito aos direitos humanos. Reflito sobre os materiais usados por Weiwei como parte de sua cultura e como esse mesmo processo pode ser pensado pela arte amazônica.

Palavras-Chave: Weiwei. Arte. Material cultural. Amazônia.

### About the test:

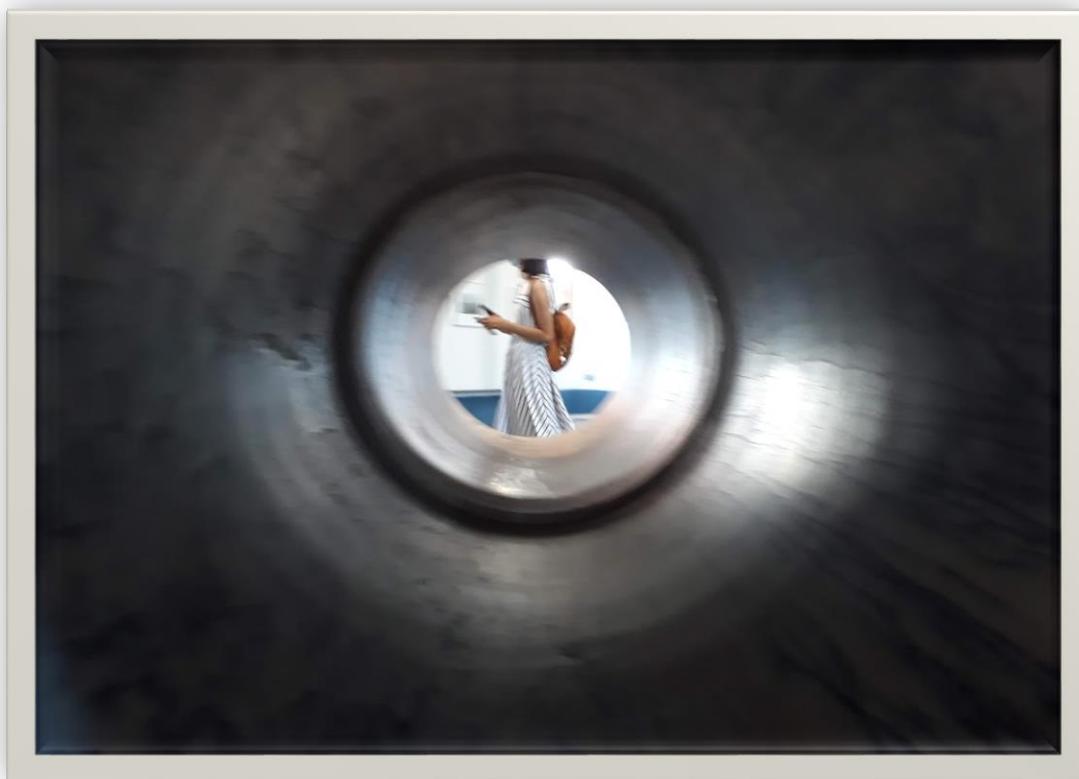
*The photo essay that I present below was conducted in 2021 at the exhibition “Rapture”, by Chinese activist and plastic artist Ai Weiwei, held at Cordoaria Nacional, in Lisbon. Living in Portugal, this was the artist's first and largest exhibition with eighty-five pieces produced in various formats, materials, and sizes, including cork, straw, paper, marble, clay, cloth, metal, ceramics, and tiles. His versatility turns everything into art and activism, as human rights are a constant in his work, which seeks to reveal a particular way of questioning the world. Whether in the face of tragedies, war, political persecution, the environmental crisis, censorship, the pandemic, the refugee crisis, or his own struggle for freedom, when the Chinese government kept him in prison for 81 days in 2011, because of his intense criticism of the disrespect for human rights. I reflect on the materials used by Weiwei as part of his culture and how this same process can be thought of in Amazonian art.*

Keyword: Weiwei. Art. Cultural material. Amazon.

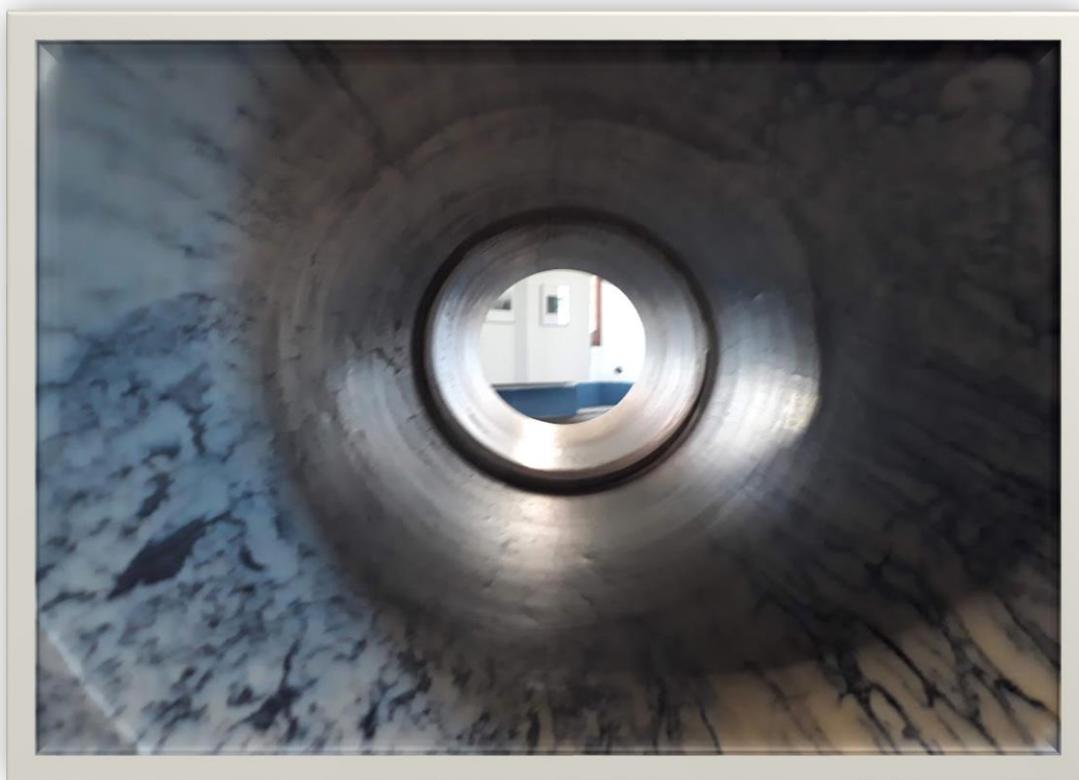
<sup>1</sup> Ativista e Artista Multidisciplinar que vai da *performance* à fotografia, ao artesanato, à escultura, ao cinema e à arquitetura. Em 2020 a *The Art Newspaper* elegeu Ai Weiwei o artista mais popular do mundo. Um dos maiores críticos do capitalismo chinês, da ausência de liberdade de expressão na china e o desrespeito aos direitos humanos.

<sup>2</sup> Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade de Campinas (UNICAMP) é professor de Literatura e Pesquisador e coordenador do Grupo de Pesquisa Estéticas, Performances e Hibridismo (ESPERHI) e Estudos de Narrativas de Resistência (NARRARES). O trabalho fotográfico busca refletir sobre o conceito de resistência na cultura e nas artes.

**Foto 1:** Pendant (Toilet Paper) – Como Olho, como Lente



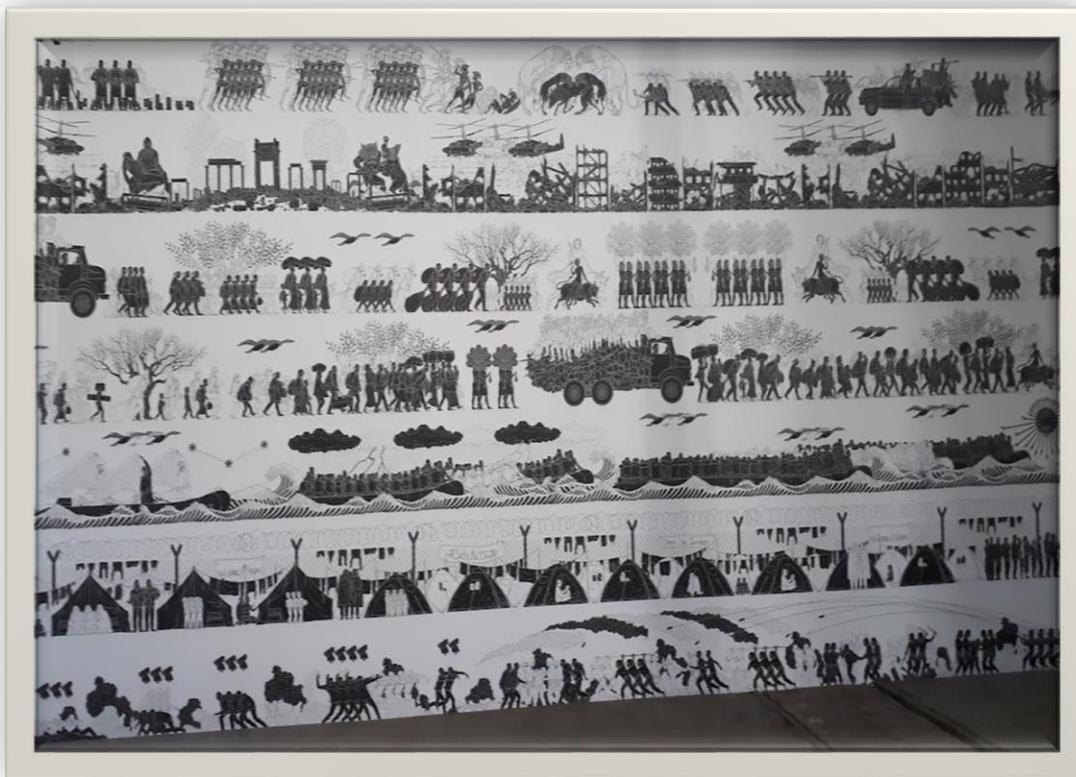
**Foto 2:** Pendant (Toilet Paper) – Interior livre



**Foto 3:** Pendant (Toilet Paper) – Plano inteiro - Mármore



**Foto 4:** Odisséia – Painel de Azulejos Portugueses



**Foto 5:** Vasos de Porcelana Azul e Branco



**Foto 6:** Jornada da Lei - Látex



**Foto 7:** Jornada da Lei - Bambu



Foto 8: Jornada da Lei – Bambu em detalhe



Foto 9: Er Xi – Brincadeira de criança - Bambu e seda



## Matérial Cultural

O movimento que proponho neste ensaio envolve pensar os materiais e as materialidades que envolvem a produção em arte contemporânea. A escolha por Ai Weiwei se deu pela maneira como fui tocado por suas multiplicidade de formas e materiais, principalmente porque sua exposição *Rapture* nos leva a discutir a potência revolucionária do uso de materiais que representam muito bem a cultura de um povo, de um país, de uma comunidade, de um lugar e que nos leva a compreender que sua obra reverte-se de um uso bem peculiar do material cultural.

A noção de material cultural extraído do conceito de patrimônio cultural material e imaterial, que na Constituição Federal do Brasil, no artigo 216, dispõe:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Para constituir o conceito de Material Cultural, recorro a formulação sobre o conceito de origem, a qual se refere à tradição cultural e do uso de materiais próprios de uma região, de um lugar e, por isso, revertida de uma expressão cultural. Nesse sentido, fazem parte da noção de material cultural, tanto as formas quanto os objetos da criação e da expressão de uma manifestação artístico-cultural.

Ai Weiwei, representa muito bem sua arte por meio do uso dos materiais culturais, pois suas obras utilizam cotidianamente diversos materiais, formatos e tamanhos, entre eles: cortiça, bambu, palha, papel, mármore, barro, pano, metal, cerâmica e azulejo. A versatilidade com o uso desses materiais não deixam de lado a articulação com a tradição cultural, permite que “tudo” vire arte e ativismo.

A arte como ativismo em Weiwei nos leva a compreender o quão potente é a arte como instância transformadora, já que a luta por direitos humanos precisa ser uma constante. Acredito no papel ético da arte, mesmo sabendo que nem sempre a arte e os artistas reverberam esse compromisso de questionar e/ou problematizar a sociedade que o cerca.

Na cultura oriental temos muito presente o uso, nas diversas expressões culturais, do bambu, do papel de seda, do tecido de seda, da cerâmica, da pintura, materiais com os quais Weiwei constitui boa parte de sua obra. Vejamos as alegorias que tradicionalmente compõe as comemorações do ano

novo chinês ou de outras comemorações populares, que envolve leões, dragões, envoltos pela mitologia chinesa. O dragão forma uma quadra de animais sagrados, juntamente com o unicórnio, a fênix e a tartaruga. e é convocado pelo deus criador, para o auxiliar na criação do mundo. São eles representantes das energia do fogo, da terra, da água e do ar, as quais são vitais pois ao mesmo tempo destrói, constrói e reconstrói o nascimento do novo. Há também o leão, que representa um ser guardião, em que se acredita no seu poder de afastar os maus fluídos e atrair muita sorte, felicidade e prosperidade.

**Imagem 1:** Alegoria Leão e Alegoria Dragão



**Fonte:** Site Ibrachina - Alunos do grupo Garra de Águia Lily Lau <sup>3</sup>

Weiwei bebe na cultura popular, na técnica de criação das alegorias e as ressignifica, pois nos mostra tanto a alegorização das técnicas, quanto a reconstituição de sua história e ética pelos direitos humanos. Vejamos a seguir:

**Imagem 2:** Er Xi – Brincadeira de Criança - Bambu e Seda



**Fonte:** Arquivo pessoal, Cordoaria Nacional 2021.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.ibrachina.com.br/danca-do-dragao-e-do-leao/>

A escultura acima remonta a tradição chinesa do artesanato das brincadeiras infantis, como a confecção de pipas utilizando bambu e seda. O tema pensado por Weiwei é a mitologia e os seres híbridos que a compõem. Esse imaginário do hibridismo ao mesmo tempo discute a normalidade social quando nos faz atentar para as transformações ambientais por qual o planeta se encontra que nos fazem perder espaço para refletir sobre nosso lugar. Na Amazônia o imaginário dos mitos e das lendas também poderiam ser mais bem explorados na arte, mas não apenas como representação exótica dos costumes e dos seres que habitam as florestas e os rios, mas como forma de materializar suas expressões e seus efeitos culturais na região e denunciar a destruição do bioma amazônico.

O uso de Etnomateriais na reflexão artística direciona nosso olhar, faz com que assim como o Bambu, possamos ousar e incluir outros materiais extraídos da cultura local. No caso da Amazônia são muitas as possibilidades, mas aqui vou tratar de um material similar ao Bambu, trata-se do Miriti (Buriti), que é amplamente utilizado por artesãos na cidade de Abaetetuba-PA. A maleabilidade do Miriti possibilita um efeito artístico similar ao do Bambu, o que potencializa a criação artística, a partir de nossa realidade, de seres que permeiam o imaginário popular.

Ai Weiwei eleva o material Bambu a um patamar reflexivo sobre situações limites e tragédias completamente possíveis de serem evitadas como os naufrágios de embarcações que navegam sem as mínimas condições de segurança e completamente lotadas. Vejamos a imagem seguir:

**Imagem 3:** Jornada da Lei - Bambu



**Fonte:** Arquivo pessoal, Cordoaria Nacional 2021.

Esta escultura também utiliza o Bambu como a anterior, mas desta vez o tema pautado tem ligação com o desrespeito dos direitos humanos, com a negação de direitos fundamentais para os indivíduos e suas famílias. São constantes as notícias de naufrágios pelo mundo e na maioria dos casos seriam evitáveis. Entretanto, muitos seriam os motivos que fazem com que

a arte se preocupasse com essas catástrofes, não para enumerar e sim para criticar e confrontar os estados sobre sua responsabilidade. A obra de Weiwei nos faz refletir sobre como os corpos humanos são tratados como simples invólucros, esvaziados, sem importância, estão dispostos apenas como uma estrutura sem alma, sem interioridade, são reduzidos a números como vemos em algumas notícias recentes que escancaram o problema dos refugiados no mundo.

**Imagem 4:** Notícia - Naufrágio no Líbano

## Sobe para 100 o número de mortos em naufrágio de barco de migrantes na Síria

Embarcação transportava cerca de 150 migrantes do Líbano para Síria; apenas 20 pessoas foram resgatadas com vida.

Por France Presse  
27/09/2022 07h35 - Atualizado há um mês



**Fonte:** Site de Notícias G1<sup>4</sup>

A matéria foi publicada em vários sites de notícias do mundo inteiro, traduzidos e copiados, no seu interior revelam como os conflitos bélicos penalizam e matam àqueles que desejam encontrar um lugar outro, para viver, longe do sofrimento causado pela guerra. Diferentemente da questão política libanesa, no Pará os eventos de naufrágio também são recorrentes como podemos ver na notícia a seguir, mas trazem à tona outra problemática, no transporte de passageiros, o descaso e o desrespeito com a segurança dos indivíduos:

**Imagem 5:** Notícia – Naufrágio no Pará



**Fonte:** Site de Notícias Diário de Pernambuco<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Notícia veiculada no site de notícias G1, disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/09/27/sobe-o-numero-de-mortos-em-naufragio-de-barco-de-migrantes-na-siria.ghtml>

<sup>5</sup> Notícia veiculada no site de notícias Diário de Pernambuco, disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2022/09/sobe-para-22-os-mortos-em-naufragio-de-lancha-no-para.html>

Apesar de se tratar de realidades distintas a catástrofe e o trauma são similares, e não são eventos isolados, por isso não podemos deixar de questionar o cuidado com os indivíduos como destaca Foucault, ao perceber que

a finalidade do cuidado de si, não o objeto, era outra coisa. Era a cidade. Sem dúvida, na medida em que quem governa faz parte da cidade, também ele, de certo modo, é finalidade de seu próprio cuidado de si e, nos textos do período clássico, encontra-se com frequência a ideia de que o governante deve, como convém, aplicar-se a governar, para salvar a si mesmo e a cidade - a si mesmo enquanto parte da cidade. [...] A cidade mediatizava a relação de si para consigo, fazendo com que o eu pudesse ser tanto objeto quanto finalidade, finalidade, contudo unicamente porque havia a mediação da cidade. (FOUCAULT, 2010, p. 76-77)

A necessidade de pensar para além dos números percorre o trabalho crítico de Weiwei e revelam a saída do Etnomaterial para o comercial, o látex, como resultado das sanhas econômicas que desprezam o indivíduo, como se fossem apenas produtos, invólucros, números de uma reprodutibilidade de técnica. Vejamos a escultura a seguir:

**Imagem 6:** Jornada da Lei - Látex



**Fonte:** Arquivo pessoal, Cordoaria Nacional 2021.

Torna-se fundamental discutir o valor das pessoas que se deslocam pelos rios, mares e oceanos e sua reprodutibilidade como coisas amontoadas, seja por conta da fuga ou das idas e vindas da vida cotidiana. Aqueles corpos, na leitura de Weiwei, são tratados como invólucros vazios, na cor do petróleo, na cara unificada, enfileirados, ordenados, inflados por ar, um corpo sem alma, sem importância.

A arte amazônica teria seu compromisso com essa crítica ao presente ou deve permanecer ornamental? Trago ao mesmo tempo uma crítica e uma reflexão. Precisamos olhar para nossos Etnomateriais e enxergar neles outras possibilidades de uso e criação. Vejamos a seguir um exemplo de como precisamos ir além, com a arte oriunda de materiais culturais como o miriti, conhecido em

outras regiões brasileiras como Buriti, que embala o sertão de Guimarães Rosa e se revela um importante elemento da cultura da cidade de Abaetetuba, no Pará, ao mesmo tempo, incorpora o imaginário cultural do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, uma importante festa religiosa amazônica, que atrai milhares de devotos à santa padroeira dos paraenses, os quais levam como lembrança o brinquedo de miriti, objetos da cultura e dos costumes locais e que já deveria ter sido transformado em patrimônio imaterial da cultura paraense, pois sua história se confunde com expressão religiosa do círio. Vejamos um espécime desse artefacto que é produzido de maneira artesanal pelo mestre do miriti de Abaetetuba.

**Imagem 7:** Barco - Brinquedo de Miriti



**Fonte:** Arquivo pessoal, Ribeirinho na canoa, 2018.

Temos o barco, os produtos e o homem amazônico representado no brinquedo, com muitas cores e detalhes como seus instrumentos de trabalho e sua cultura alimentar. Há no exemplo apresentado uma formulação dos costumes do trabalho de pescador, de coletor, de pessoa que vive de forma rudimentar e extrativista. Mas nos perguntamos se esta seria a única matéria a ser narrada por este artefato?

Certamente não! A arte contemporânea, permite que façamos uso das técnicas e dos materiais tradicionais, como o miriti para produzir outros efeitos estéticos. E já começamos a perceber sua potência, quando vemos o miriti sendo apresentado na exposição “EUETIMIRITI”, de Francelino Mesquita, que utiliza o miriti e a “mesma” canoa tradicionalmente encontrada nos brinquedos, mas agora disposta como uma escultura que busca na multiplicidade de barcos revelar o movimento das águas em um efeito visual de multiplicação, como se estivéssemos diante de *slow motion* do barco. Vejamos a seguir uma imagem de sua exposição:

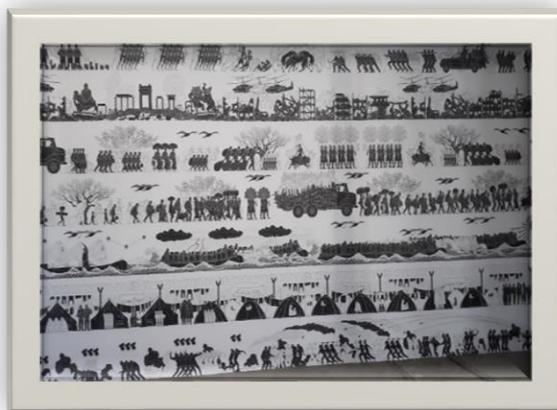
**Imagem 8:** Barcos em espiral - EUTIMIRITI

**Fonte:** Casavisualgaleria – Francelino Mesquita, 2020<sup>6</sup>

Apesar de termos contato com um mesmo objeto, uma embarcação, as formas de ver e sentir o produto desse artista são bem diferentes. Acredito que a saída da arte representacional para uma arte conceitual se faz fundamental para a compreensão do papel da arte na contemporaneidade. Entretanto, compreendemos que essa mesma arte precisa promover no leitor um turbilhão de sensações que o levem a pensar sobre sua própria condição humana.

Outros materiais culturais são movimentados na arte de Weiwei e destacamos aqui a cerâmica, como articulação entre o artefacto tradicional e as técnicas milenares dos vasos chineses de porcelana, e das pinturas em azulejos, com a intensa necessidade de discutir as matérias ligadas aos direitos humanos, principalmente em relação aos refugiados, por isso, Weiwei realiza a partir do contato cultural várias apropriações, como é o caso da pintura em azulejos, tradicionalmente vinculados à cultura portuguesa. Nessa exposição ele se apropria da cultura desse lugar e do material azulejo, como forma de ampliar seu vínculo com Portugal, já que passou a morar nos últimos anos naquele país. Assim associa a cerâmica chinesa dos vasos às pinturas nas paredes azulejadas em busca de compor uma narrativa de sobrevivência, que é dos diversos refugiados que fogem da guerra, mas que de certa maneira também lhe representa, pois se não pode ser considerado um refugiado, pode ser considerado um despatriado, já que em sua biografia encontramos a necessidade de sair da China por conta das perseguições vividas por seu pai e depois por ele próprio. Vejamos a pintura de *Odiséia*, uma das peças expostas na Cordoaria Nacional em Lisboa.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.casavisualgaleria.com/post/2019/08/29/c39exposic3a7c3a30-euetimiriti-de-francelino-mesquita>

**Imagem 9:** Odisseia – Painel de azulejos portugueses

**Fonte:** Arquivo pessoal, Cordoaria Nacional 2021.

As imagens que percorremos no paredão nos evoca a pensar os efeitos da guerra e a responsabilização da mesma. As sete linhas de uma narrativa de sobrevivência cinzenta, em contraste as cores dos azulejos portugueses, pintados com motivos florais, ordenados e composicionais. Na parede vemos a expressão caótica, mas ordenada da guerra os conflitos nas beiras e o desespero no centro dos refugiados em busca de liberdade.

Há milhares de pessoas e família inteiras que no início de 2022 precisaram se refugir por conta da guerra Rússia X Ucrânia, mas apesar de ter sido o conflito bélico que ganhou evidência internacional, atualmente há pelo menos mais 11 outros conflitos espalhados pelo mundo entre eles destacamos os vivenciados na Etiópia, Mianmar, Síria, Somália, Congo, Moçambique, Níger, Burkina Faso, Mali, Haiti e Iêmen. Além disso, há crises migratórias provocados por problemas econômicos e a crença por melhores condições de vida, nos casos da Venezuela, Guatemala, Argentina e Brasil. No caso brasileiro os movimento são intensos, sejam eles internos ou externos ao país, além da complexa realidade de ser ao mesmo tempo um país que tem atraído diversas ondas migratórias forçadas.

Os vasos chineses de Weiwei caminham na mesma esteira de fazermos ler não mais os ornamentos e sim os conflitos. Diante dessa forma de fazer arte, pensamos que a cerâmica também amazônica, marajoara, tapajônica também poderia se tornar um Etnomaterial que caminhasse na mesma esteira da necessidade de trazer a arte para a reflexão e a resistência.

O cotidiano está em constante mudança e transformação, por isso, Weiwei pensou e materializou os efeitos devastadores da pandemia no jogo crítico sobre a individualidade, que para

mim representa o Pendant (Toilet Paper), como expressão evidente do olhar para si e não para o mundo.

**Imagem 10:** Pendant (Toilet Paper)



**Fonte:** Arquivo pessoal, Cordoaria Nacional 2021.

Não perceber o outro como parte do aguçamento do olhar, da necessidade de que o furo do rolo de papel higiênico nos possibilita, faz uma rutura com os modelos pois inverte a leveza do papel e transforma em matéria rígida, capaz de nos tirar o eixo e fazer com que a loucura da busca por si seja a compreensão da frieza de si, pois a matéria-prima representa a frieza dos homem em relação a sua potência de interação.

A interação que propus está na leitura que faço de outras possibilidades do furo que existe no rolo de papel higiênico, que muitas vezes são utilizados como produto para a confecção de decorações natalinas, brinquedos e jogos educativos. Para mim, esse furo é representativo da necessidade de olharmos para além, precisamos enxergar que existem outras possibilidade, que há um outro do lado de aposto ao nosso, que devemos enxergar o que o obtuso do cotidiano e das relações que produzimos com nós mesmos.

Weiwei propõe que saiamos do casulo de nossa intimidade, não há nada mais intimo que a relação que existe do indivíduo com si mesmo, quando vai realizar suas necessidades excretoras. A solidão das casas de banho, como dizem os portugueses, podem ser comparadas o isolamento produzido pela pandemia? Essa é uma questão que fica no ar. Entretanto, sabemos que o papel anedotário do desespero diante da possibilidade de isolamento produz o desespero, mas também uma potência significativa de autoconhecimento e de reconhecimento de si e do outro.

Vejam a intervenção que proponho na arte de Weiwei:

**Imagem 11:** Pendant (Toilet Paper) – Como Olho, como Lente

**Fonte:** Arquivo pessoal, Cordoaria Nacional 2021.

Ver por dentro significa ir além, mas também significa ter contato com o inesperado, uma leitora, uma pessoa que instintivamente passei pelo espaço e se insere nele. Ver significa interpretar que há além e ao me encontrar com o outro posso me encontrar comigo mesmo, com a lente que busca o outro, que insere o outro na exposição. Acredito que a obra de Weiwei me permitiu olhar, enquanto fotógrafo, de modo plural a sua proposta e entender que precisamos mesmos olhar de outros modos e resistir as catástrofes e aos estados de exceção.

### REFERÊNCIAS:

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico de Brasília, 1988.

FOUCAULT, M. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

WEIWEI, Ai. **Rapture**. Exposição. Cordoaria Nacional: Lisboa, 2021.